



CONSTRUÇÃO DE FORNOS TRADICIONAIS A LENHA COMO FORMA DE ALIMENTAR A CHAMA DA VIDA

BUILDING TRADITIONAL WOOD KILN FOR POTTERY AS A WAY OF FEEDING THE FLAMES OF LIFE

Alice Roger Bombardi¹

Priscila Leonel de Medeiros Pereira²

RESUMO

Este texto resulta das trocas, discussões e assentamentos teóricos realizados entre as pesquisadoras, durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, que está em curso no Instituto de Artes da UNESP. Este artigo tem como objetivo apresentar as experiências de construção de fornos cerâmicos tradicionais, à lenha, como prática artística, educativa, de delimitação de territórios e conexão com a ancestralidade. Essa prática se apresenta como uma proposição artística que, não apenas, conecta indivíduos e estabelece territórios coletivos, como também, resgata saberes tradicionais com tecnologias ancestrais. Estas práticas artísticas de instalação têm fortalecido nas autoras uma profunda conexão com a arte da cerâmica e se tratando desse tipo de construção de fornos como uma das produções artísticas da .mestranda como Site-Specific.

PALAVRAS-CHAVE

Forno a lenha. Cerâmica. Ancestralidade. Decolonialidade. Território.

¹Mestranda em artes no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo, orientada pela Profa Dra Priscila Leonel de Medeiros Pereira. Bacharela e licenciada em Artes Visuais na mesma instituição. Aluna. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo, SP, Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7325008001543606> .Osasco - SP, Brasil.

²Docente da graduação e pós-graduação em Artes da UNESP. Artista Visual, pós-doutora (ECA-USP), com pesquisa na área de Ancestralidades, Memórias e Decolonialidades ligadas a Processos Artísticos Cerâmicos e a Arte Educação. <http://lattes.cnpq.br/5408235474739184>.



ABSTRACT

This text is the result of exchanges, discussions and theoretical settlements carried out between the researchers, during the development of the master's research, which is ongoing at the UNESP Institute of Arts. This article aims to present the experiences of building traditional ceramic kilns, using wood, as an artistic, educational practice, for delimiting territories and connecting with ancestry. This practice presents itself as an artistic proposition that not only connects individuals and establishes collective territories, but also rescues traditional knowledge with ancestral technologies. These artistic installation practices have strengthened a deep connection in the authors with the art of ceramics.

KEYWORDS

Wood-fired kiln. Ceramics. Ancestry. Decolonisation. Territory.

INTRODUÇÃO

Tudo começa por um lugar. Nossa jornada começou pela busca por espaço para abrigar um forno a lenha e esta não é uma tarefa fácil. Ainda mais quando se vive em um espaço urbano como a grande São Paulo, onde os quintais estão cada vez mais reduzidos e os prédios ocupam mais a paisagem do que as casas. Assim, algumas dúvidas nos acometiam: Por que construir um forno para queima cerâmica? Isso será sustentável? Que fim terá esse forno?

Inúmeros fins, já antecipamos: realizar a construção e queima de peças em um forno a lenha é, em si, uma atividade de autoconhecimento, percepção da terra e senso de coletividade. Não é qualquer forno, é um forno tradicional, a lenha, para cerâmica, que envolve uma comunidade para realizá-lo, ou pelo menos almeja que um grupo esteja envolvido para construir, acender, alimentar as chamas e viver juntos a experiência com a arte. Processo que se estabelece como uma performance e vira uma instalação artística, no final.



Na contemporaneidade da grande metrópole, usar o forno para transformar o barro em cerâmica talvez não seja o foco principal, talvez seja apenas uma desculpa para reunir pessoas, demarcar territórios e construir afetos. O objeto cerâmico, resultado da ação da queima, torna-se um artefato da história que foi vivida naquela comunidade. Mesmo que o forno venha a ser utilizado apenas uma só vez, tornando-se ruína com a passagem do tempo, ainda assim, ele ficará na memória daqueles que sentiram o barro nos pés e nas mãos durante a sua construção. Essa memória é reavivada sempre que se depararem com a peça de cerâmica.

A experiência com esse tipo de forno conecta os sujeitos com o presente, ao mesmo tempo em que resgata os saberes do passado, dessa forma, é possível criar potenciais de ativação da ancestralidade, gerando um fio sustentador da identidade do indivíduo e do grupo que ali se permite ser conduzido pelo processo, buscando suas raízes para fortalecer a existência no presente.

Desta maneira, a intenção deste artigo é compartilhar as reflexões em torno das experiências de construir fornos a lenha, para cerâmica, em diferentes contextos, referindo-se mais especificamente aos feitos em cinco lugares: Instituto de Artes da UNESP, câmpus São Paulo, EMEF Espaço de Bitita no Bairro Canindé de São Paulo, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, câmpus de Bauru, Ubatuba – SP e EMEF Oswaldo Quirino Simões Osasco – SP.

Apresenta-se aqui também uma reflexão sobre as motivações por trás da construção dos fornos em seu valor simbólico, poético e artístico, para além do saber técnico e instrumental da cerâmica. Registrar por escrito esses fragmentos de história destes fornos, é uma forma de documentar essas vivências, pensar sobre o significado artístico delas e suas reverberações, assim como realizar um processo de conexão com outros textos que nasceram destas práticas. Em 2023, foi escrito o artigo “Construção e queima de forno tradicional a lenha no IA-UNESP: uma vivência com o barro dos pés às mãos”, escrito por Alice Roger Bombardi, Beatriz Araújo Isidoro e Henry Silva Castelli, apresentado no *I Simpósio Amò Ancestralidade, Cerâmica, Corporeidades, Arte Educação e Decoloniedade* na UNESP, campus Bauru. No mesmo ano foi escrito também o TCC “Construção de casas de passarinho: Vivência de Cerâmica na EMEF Espaço de Bitita”, como trabalho de conclusão de licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Artes da UNESP, de Beatriz Araújo Isidoro. Estas



experiências têm acontecido em continuidade desde julho de 2023, isso implica em saberes que têm se multiplicado e na tentativa de permanecerem vivos.

Esta é uma pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, de natureza aplicada às experimentações artísticas, na qual aparece a pesquisa como um ato social, de natureza empírica, concebida e realizada em estreita relação do pesquisador com a comunidade, criando um artefato que facilite o processo da vida em sociedade, com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo cooperativo e participativo. Durante essa escrita haverá interlocução com outros textos que também retratam algumas das vivências que aqui serão descritas, porém sob a ótica de outras pessoas e que complementam os relatos de experiência do presente artigo, são: o artigo de (ISIDORO; BOMBARDI; CASTELLI; 2023) e o TCC para licenciatura em Artes Visuais (ISIDORO, 2023). Ao final, nas considerações, será feita uma reflexão das semelhanças entre cada forno que para além de sua função prática têm valor artístico em si.

RELATOS

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

— Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? Pergunta Kublai Khan.

— A ponte não é sustentada por esta ou por aquela pedra. Responde Marco

—, mas pela curva do arco que estas formam. Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

— Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.

Polo responde:

— Sem as pedras o arco não existe. (CALVINO, 1971)

Assim como o personagem Marco Polo no livro *Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino, ao longo do texto será apresentado cada relato de experiência na participação da construção e queima do forno de cerâmica.

A prática de construir e queimar cerâmica em fornos tradicionais a lenha transcende as diferenças de contexto e se conecta através de aspectos fundamentais do que se chama de Site-Specific. Tal conceito surgiu no final da década de 1960, para classificar uma nova série de obras artísticas criadas de forma intrínseca ao lugar onde se



encontravam. Para Nick Kaye, criador do conceito, tratam-se de “práticas nas quais, de uma maneira ou de outra, se articulam trocas entre o trabalho de arte e os lugares nos quais seus significados são definidos” (KAYE, 2000, p.01).

Então Site-Specific refere-se a obras criadas para existir em um local específico, levando em consideração o ambiente ao planejar e criar a obra. Mesmo que todas essas obras sejam fornos, elas possuem características estéticas particulares expressas em sua estrutura que serão detalhadas mais à frente, relacionadas ao território em que estão presentes. Quando retiradas desse contexto, perdem seu significado original. O forno tradicional a lenha também pode ser percebido como um objeto artístico, uma escultura que ressalta as particularidades de cada unidade, mesmo que no conjunto de experiência elas formem uma unidade. Isso permite dizer que cada um dos fornos são um Site-Specific e que portanto são melhor compreendidos se não forem vistos de forma isolada quando se faz a investigação da produção pessoal artística pela própria mestrandia. Eles são uma composição em um contexto e entre todos eles que carregam algo que a artista queria dizer. Carregam suas reflexões sobre produção cerâmica e as relações humanas na grande São Paulo.

Se tratando de reconhecer a cerâmica e seu entorno na arte contemporânea e como Site Specificity a artista e pesquisadora Jacqueline Prado em seu livro *A Arte da Cerâmica de Minas Gerais* traz algumas referências de artistas que se utilizam da matéria e o fazer como arte:

Na arte contemporânea seja na forma de elemento bruto como barro, manipulada como a argila, seja como objeto cerâmico ou ainda misturada a outros elementos, a terra é recurso, material e suporte da arte contemporânea em instalações, performances, intervenções, environments e até mesmo happening e Site Specificity. Nas obras dos artistas Bruno Amarante e Liliza Mendes, podemos admirar algumas dessas ações. Temas como memória, história e bem-estar permeiam as intervenções de Amarante, e em Liliza podemos perceber a abordagem da transitoriedade e a reflexão sobre os procedimentos artísticos. Podemos citar também Betânia Silveira, cujas ações exploram a teatralidade e a performance, e o trabalho de Benedikt Wiertz, que tem se dedicado nos últimos anos a pesquisa, performance, instalações e trabalhos em cerâmica e com argila crua. São artistas que conseguem por em movimento uma cadeia de associações que tiram continuamente o espectador do seu lugar. São obras com forte carga conceitual que rompem com conceitos preestabelecidos e mostram a força da cerâmica contemporânea. (PRADO, 2016, p.79)

Olhar para o forno como uma instalação no território, permite-nos explorar as seguintes características:



1. Ritual e comunidade: tanto na universidade quanto na educação básica e no espaço privado, a construção e queima do forno envolvem um ritual coletivo. Pessoas se reúnem, compartilham conhecimentos e trabalham juntas para criar algo significativo. O forno se torna um ponto de encontro, onde a comunidade se forma e se fortalece.
2. Conexão com a terra e delimitação de território: a cerâmica é uma arte ancestral ligada à terra. Independentemente do contexto, a construção e queima do forno nos reconectam com a matéria-prima fundamental: o barro. Sentir a textura do barro, moldá-lo e observar sua transformação durante a queima são experiências que transcendem os limites institucionais.
3. Memória e ancestralidade: o forno de cerâmica é um marcador de memória. Mesmo que seja utilizado apenas uma vez ou se torne uma ruína com o tempo, ele permanece na lembrança daqueles que participaram de sua construção. As peças de cerâmica resultantes também carregam a história da comunidade que as criou.
4. Arte e autenticidade: a cerâmica produzida em fornos tradicionais a lenha é autêntica e carrega consigo a marca do processo. A estética natural das cores, as imperfeições e as nuances são valorizadas. Essas peças não são apenas objetos utilitários; são artefatos que refletem a experiência compartilhada. Assim como o forno, também terão características do território.

1ª pedra:

No dia 14 de julho de 2023, no **Instituto de Artes** da UNESP, câmpus São Paulo, a área verde do campus se transformou em um espaço de troca de saberes e práticas ancestrais. O evento de extensão, intitulado “Ciclo de atividades práticas sobre conhecimentos ancestrais em cerâmica que ultrapassam as barreiras da universidade”, foi organizado por três discentes do curso de Artes Visuais. Esses estudantes, frequentadores assíduos do ateliê de cerâmica, uniram-se com o propósito de revitalizar esse espaço e promover o diálogo entre a academia e as tradições ceramistas.

A motivação para realizar esse evento surgiu da constatação de que o ateliê de cerâmica estava subutilizado em comparação com outros espaços artísticos. A



retomada das atividades presenciais após o período de isolamento devido à pandemia de COVID-19 trouxe à tona a necessidade de revitalizar esse ambiente. Os organizadores perceberam que a cerâmica, além de ser uma técnica artística, carregava consigo histórias culturais e simbólicas que mereciam ser compartilhadas.

A ceramista convidada, Amanda Magrini, trouxe consigo não apenas técnicas e habilidades, mas também histórias e memórias, algumas das quais aprendeu com a ceramista e professora Adriana Irene Martinez, que veio da Argentina anos atrás ensinar exatamente como construir este mesmo forno, e que inclusive recentemente publicou um manual de construção de acesso livre e gratuito (MARTINEZ, 2023).

O ciclo de atividades incluiu não apenas oficinas práticas, mas também uma palestra sobre materialidade do “barro” e a compreensão básica desse material plástico e promoveu uma consciência do seu uso já que é um material finito. Os estudantes foram convidados a refletir sobre como essas práticas tradicionais podem dialogar com as linguagens contemporâneas e como podem ser incorporadas ao currículo acadêmico.

Os desdobramentos desse evento foram significativos. Além do encontro entre discentes com interesses em comum, os organizadores redigiram um artigo coletivo para registrar a experiência e a ação no Instituto de Artes. Esse artigo foi submetido ao *I Simpósio Amò*, realizado na FAAC UNESP Bauru. A publicação nos ANAIS do simpósio perpetuou o conhecimento gerado nesse encontro, ampliando o alcance das reflexões sobre a cerâmica e sua relação com a ancestralidade.

Em suma, o evento de extensão sobre conhecimentos ancestrais em cerâmica foi mais do que uma simples atividade acadêmica. Foi um convite para olhar para trás, resgatar tradições e, ao mesmo tempo, lançar um olhar crítico para a situação atual do ateliê de cerâmica. A vivência despertou corporalmente, como citam no artigo:

(...) a construção do forno se mostra como uma potente ferramenta disruptiva, onde o ato de pisar no barro além de fundamental para a construção é também um momento de experimentação e saída das nossas próprias zonas de conforto e de total aterramento com o aprendizado. (...) A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam” (BOFF, 2017), é uma frase que nos faz refletir que nenhum pensamento ou ação está alheio ao nosso contexto. Pisar o barro nos coloca diretamente como agentes ativos na construção do equipamento responsável por transformar o barro em cerâmica. Desta maneira, os participantes serão



capazes de dominar o processo cerâmico além do senso comum. (ISIDORO, BOMBARDI, CASTELLI, 2023, p.40)

Após alguns meses, o ateliê começou a ser mais frequentado, e a produção em cerâmica aumentou consideravelmente. Houve outra queima de cerâmica de forma autônoma, com um piquenique ao redor do forno, que os estudantes carinhosamente apelidaram essa atividade de “forno do nosso quintal”.

Além de reviver a produção cerâmica entre os estudantes de Artes Visuais, inspirou uma das discentes, Beatriz Isidoro, a levar essa mesma ação para além da Universidade, idealizando na EMEF Espaço de Bitita onde estava realizando seu estágio de licenciatura.



Imagem 1. início da construção do forno a lenha, 2023. Fonte: acervo pessoal



Na análise formal do forno/escultura do Instituto de Artes (imagem 2), o desenho das formigas é uma homenagem à terra utilizada na massa do adobe. Essa escolha também funciona como metáfora da mobilização dos estudantes, mostrando que o trabalho conjunto, como o de formiguinhas, pode gerar um impacto positivo e abrir novos caminhos.



Imagem 2. registro da primeira queima no IA, 2023. Fonte: acervo pessoal

2ª pedra:

Em 26 de setembro de 2023, a área em frente ao depósito da **EMEF Espaço de Bitita** se transformou em um espaço de aprendizado e criação. Beatriz Isidoro, estudante de licenciatura em Artes Visuais, ministrou aulas e oficinas em parceria com a professora de arte Carolina Cortinove. Essa iniciativa fazia parte de seu estágio



obrigatório da graduação, sendo uma oportunidade para aplicar os conhecimentos adquiridos durante sua formação na universidade.

A motivação por trás desse projeto era clara: levar os saberes da academia para o ensino básico público. Beatriz acreditava que a arte não deveria ficar restrita aos muros da universidade, mas sim se espalhar pelos corredores das escolas, inspirando jovens mentes. Ela compartilhou técnicas de escultura com argila e com os alunos da EMEF e depois fez o convite para construir um forno tradicional a lenha para transformar as peças de barro para cerâmica e o espaço da escola.

O espaço que a escola reservou para a construção do forno era em frente a um depósito. O local estava desorganizado, com carteiras jogadas e entulhos, o que preocupou a professora Carolina, pois as crianças poderiam se acidentar naquele ambiente. (ISIDORO, 2023, p.77)

Os desdobramentos dessa experiência foram significativos. Beatriz Isidoro escreveu seu TCC, documentando todo o processo do estágio e suas reflexões sobre o ensino de arte.

Além disso, na escola, o espaço em frente ao depósito, antes pouco utilizado, foi apropriado para convivência e práticas artísticas. A construção de um forno de cerâmica transformou esse local em um território vivo e que exige segurança, já que pressiona a instituição a limpar o espaço para dar continuidade às atividades com o forno.



Imagem 3. Conversa com os estudantes antes de iniciar a atividade de confecção de adobe e construção do forno, 2023. Fonte: Ricardo Kobayashi

No forno da EMEF, tanto a superfície quanto a estrutura refletem a aplicação desse conhecimento pela primeira vez em conjunto com as crianças. Na imagem 4, é visível uma irregularidade na estrutura, resultado do aprendizado, bem como acidentes e preocupações durante a construção.



Imagem 4. Registro da primeira queima, 2023. Fonte: acervo pessoal

3ª pedra:

Em 6 de outubro de 2023, na **FAAC UNESP**, câmpus Bauru, o *I Simpósio Amò*, coordenado pela professora doutora Priscila Leonel e organizado pelas discentes Brenda Laurien Duarte Gea e Alice Roger Bombardi, trouxe à tona uma série de atividades enriquecedoras. Entre elas, destacou-se a oficina de construção de um forno tradicional a lenha, conduzida pela ceramista convidada Amanda Magrini.

O espaço escolhido para essa experiência foi estratégico: atrás dos ateliês e ao lado do Departamento de Artes da FAAC UNESP. Esse território foi batizado como “Espaço Amò”. A construção do forno tradicional a lenha não apenas resgatou técnicas ancestrais, mas também ocupou um lugar que antes estava subutilizado.

Durante a oficina, os participantes colocaram a mão na massa costurando os tijolos com adobe e compartilharam histórias e memórias. Amanda Magrini guiou o processo,



reavivando saberes e construindo conhecimento com o grupo. Os desdobramentos dessa experiência foram significativos. O Espaço Amò consolidou-se como um lugar de interação e pesquisa. A Prof^a. Dr^a. Priscila Leonel, professora da FAAC, encontrou ali um ambiente propício para dialogar com os estudantes sobre cerâmica, ancestralidade e territorialidade.

A ideia de territorialidade está ligada a uma teoria da antropologia que considera a relação com o território como parte fundamental que perpassa os diversos grupos humanos. Por isso, agregar o conceito de territorialidade ao projeto pareceu uma abordagem promissora para compreender como o esforço coletivo de um grupo social em ocupar, usar, controlar e identificar-se com especificidades de seu ambiente. A cosmografia de um grupo inclui peculiaridades e vínculos afetivos que as pessoas mantêm com seu território específico, assim como as histórias guardadas na memória coletiva e o uso social que se dá naquele território. Rogério Haesbaert (1997), professor e pesquisador do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), afirma que o território é visto como produto da apropriação feita por meio do imaginário e/ou da identidade social sobre o espaço.



Imagem 5. Preparativos para construção do forno, 2023. Fonte: acervo pessoal

O que significa colocar um forno em uma universidade de artes? Essa ação, que parece simples, pode colaborar para o pensamento sobre Arte, sobre Ancestralidade, e transmitir saberes tradicionais que vão compor com o repertório de cada indivíduo que se depara com o forno instalado ali.



Imagem 6. Registro da primeira queima, 2023. Fonte: acervo pessoal

O forno da FAAC UNESP, carrega informações estéticas e demarcação específica daquele território quando-se azuleja o rosto de cerâmica, que traz consigo o significado do evento Amò. Além disso, do outro lado do forno, temos o próprio nome “Amò” em letras de cerâmica, que também foram azulejadas durante a construção. Amò significa argila, barro e cerâmica em língua Iorubá. Tanto o forno quanto a máscara e as letras em cerâmica tornam-se esculturas daquele espaço que se estenderá como pesquisa entre docentes e discentes da universidade em um movimento de rememoração.

4ª pedra:

Em um dia quente, 28 de dezembro de 2023, **na casa de praia da família**, em Ubatuba, São Paulo, um projeto singular tomou forma: a construção de um forno



tradicional a lenha para um espaço pessoal com intuito de buscar autonomia na produção e pesquisa.

Foi produzido um vídeo de toda a construção do forno que foi formatado em time-lapse e disponibilizado no youtube para quem deseja ver a realização de todas as etapas de construção.

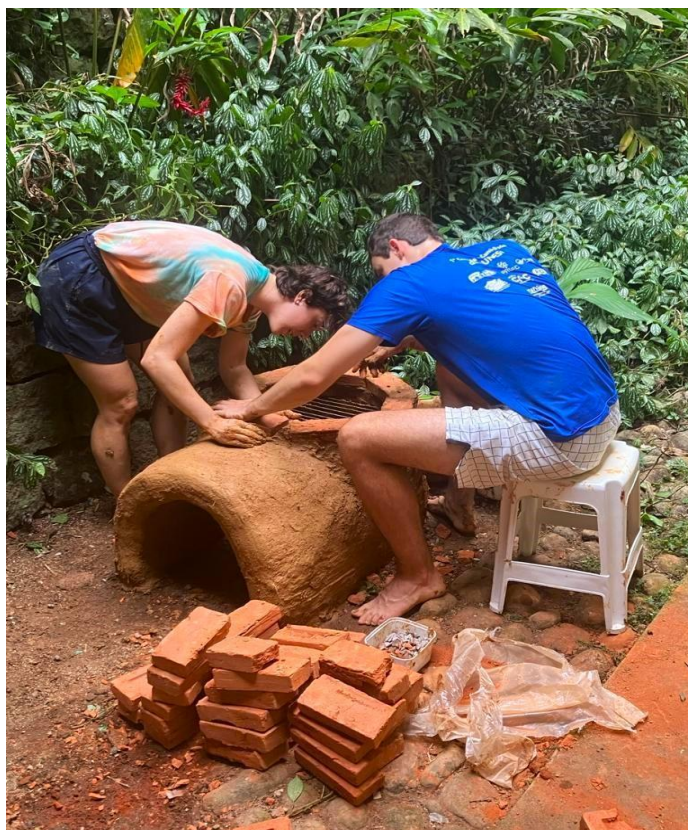


Imagem 7. Construção do forno na casa de praia da família, 2023. Fonte: acervo pessoal

Assim como o forno da FAAC BAURU, este também recebeu azulejos em sua superfície. No entanto, neste caso, os azulejos carregam outros significados e estão atrelados a este território específico. Os azulejos fixados (conforme a imagem 8) foram feitos artesanalmente pela Avó Guga, que por alguns anos frequentou aulas de cerâmica com sua amiga e ceramista Sara Carone. Guga confeccionou vários azulejos pequeninos para serem colocados na construção da casa de praia, mas sobraram alguns. Considerando que havia azulejos guardados na casa, decidiu-se fixar os azulejos da Vó Guga no forno recém-construído, adicionando mais camadas a esse espaço.



Imagem 8. Primeira queima no forno, 2023. Fonte: acervo pessoal

Foi o testemunho de uma jornada pessoal e profissional. A ceramista, antes incerta, agora se reafirmava em sua identidade. A família forneceu o espaço e subsídios financeiros para motivar seus estudos, produção e pesquisa. O espaço pessoal transformou-se em um espaço de aprendizado, de trocas, de reconhecimento e afeto.

5ª pedra:

Essas vivências de 2023 renderam tantos frutos que agora, em 2024, na **EMEF Oswaldo Quirino Simões**, em Osasco - SP, houve a construção e queima nos dias 23 e 30 de abril de 2024. A convite da Professora de Artes Janaína Farias de Souza Ferreira, que esteve presente no I Simpósio Amò, enquanto era mestrande do profArtes do Instituto de Artes da UNESP.



Imagem 9. Construção do forno Professora Janaína e Pedro Meurer, 2024. Fonte: acervo pessoal

As crianças participaram na confecção da massa de adobe (água, grama e terra vermelha). No dia da construção, elas ajudaram a colocar as peças no forno e recolheram folhas e galhos do terreno para somar à lenha como combustível do forno. Lembrando que um forno de cerâmica precisa atender a algumas questões básicas, como refratabilidade, sinterização e alcance de uma temperatura mínima. Preocupações técnicas que ficavam a cargo dos adultos, deixando para as crianças, a experiência da participação na construção de algo tão grande, sentindo o barro entre os pés, enriquecendo-se de conhecimento que passa pelo corpo, pelos sentidos, pelos olhos. Foi colocado, no quintal da escola, um corpo vivo, monumental e que convoca todos ao seu redor para seus conceitos simbólicos ligados intimamente à terra. Neste sentido vale trazer a tese de doutorado de Kleber José da Silva, professor da Universidade Federal de São João Del Rei, que trata de construção de fornos de baixo custo para queimas cerâmicas. Neste texto Kleber (2017) tenta olhar para a história da produção cerâmica, a partir da descoberta do fogo como elemento



transformador, mas também do forno como concavidade que acolhe as peças e permite a elevação da temperatura, por segurar o calor. Segundo o professor;

Ao longo do tempo, o processo de transformação dos fornos cerâmicos identificou regiões, comunidades e estilos, proporcionando a criação de inúmeras variações de forma, tamanho, materiais estruturais, e impressionantemente (ao contrário de tantas outras ditas evoluções tecnológicas, que se apoiaram na ideia de obsolescência de seus predecessores, para ratificarem sua importância), o universo cerâmico, consegue até hoje conviver com tais diferenças de modo muito saudável. (SILVA, 2017, p. 50)

No campo das queimas cerâmicas, há muitas dimensões físicas e simbólicas, como por exemplo a capacidade desta estrutura acomodar as peças em seu interior ou como o do calor percorre e permanece neste espaço e por fim, que resultados essa experiência de queima pode proporcionar? As peças explodiram? Mudaram de cor? Derreteram?

A ideia de queimar peças para ter objetos sólidos, com duração milenar, despontou em muitas culturas nas quais a cerâmica se fez presente, e foi capaz de preservar traços de um elo ancestral como demonstração de cuidado e proteção da vida, ao guardar alimentos e líquidos, ser o prato e ser enfeite, ser o útil e o simbólico.

O forno da EMEF Quirino, imagem 10, possui um rosto e grafismos que fizeram parte da formação em artes com a Professora Janaina. Essa formação incluiu contações de histórias e visitas a museus, como o Museu da Arte Indígena e o Museu das Favelas. Esses elementos trazem um fechamento dos conhecimentos aprendidos pelos estudantes, rememorando experiências significativas.

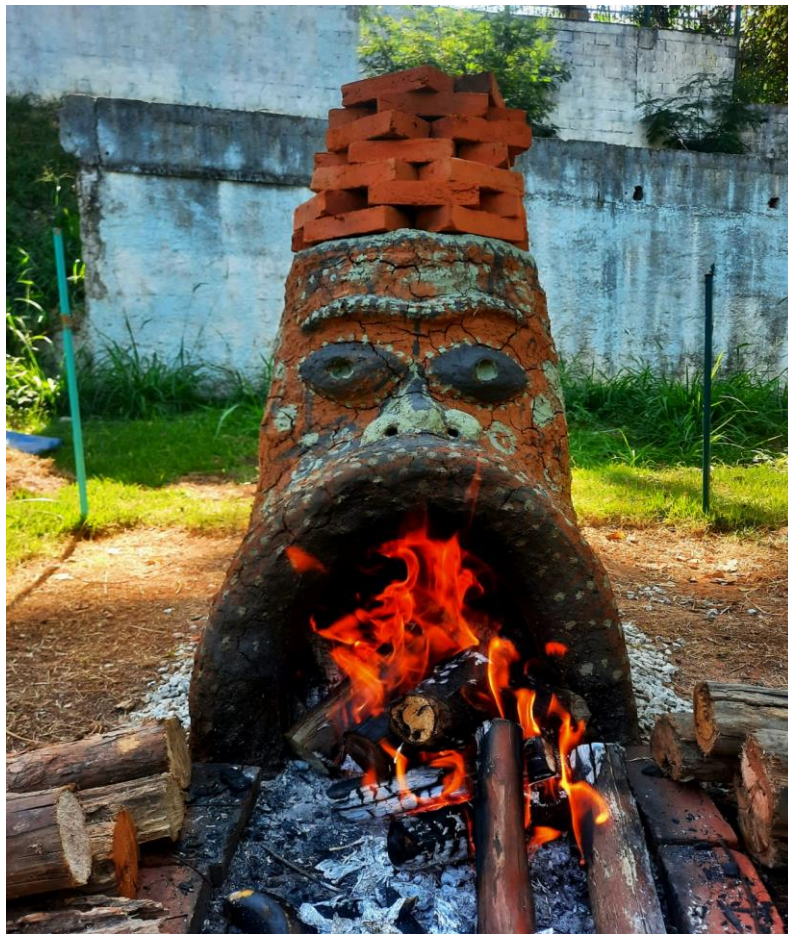


Imagem 10. Forno finalizado com a pintura e preenchido de peças em processo de queima, 2024.

Fonte: acervo pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O ARCO

Relatamos pedra por pedra, contando alguns detalhes para enfim falar como um arco, uma unidade, uma ponte. Essas experiências de construção e queima de forno tradicional a lenha para cerâmica, apesar de ocorrerem em contextos diferentes (universidades, escola de ensino básico e espaço privado), têm outras semelhanças que consideramos importantes para discutir aqui.

Independentemente do contexto, a construção e queima de cerâmica em fornos tradicionais vão além da técnica. Essa prática possui um significado simbólico e poético profundo. Retomando algumas conclusões apresentadas no início deste artigo, o forno em si traz inúmeras possibilidades e além do fazer cerâmico, pode-se



usá-lo para assar alimentos. Ele também se torna um objeto de ativação da memória e contação de histórias, uma verdadeira escultura que demarca territórios. Ele é um objeto artístico em si, na essência, como instalação artística.

A construção e queima de cerâmica está longe de ser um processo para ensinar as pessoas a serem ceramistas, esta ação representa uma potencialidade de obra de arte relacional, um “Site-Specific”. Cada forno com características estéticas que dizem a respeito do lugar, do território e da identidade daqueles que construíram. Durante esse processo, não apenas habilidades cerâmicas são apresentadas, mas também memórias ancestrais são ativadas. Essa experiência crítica desafia o ritmo frenético das grandes cidades, convidando ao encontro em outro tempo e à coletividade, enquanto nos faz refletir sobre a noção de territorialidade e ancestralidade.

REFERÊNCIAS

BOMBARDI, Alice Roger. **Construção de forno tradicional a lenha para cerâmica**. Youtube, 20 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VFw9qEfm_F8 Acesso em: 13 abril 2024.

BOMBARDI, Alice Roger; CASTELLI, Henry Silva; ISIDORO, Beatriz Araújo;. **Construção e Queima De Forno Tradicional A Lenha No IA - Unesp**: uma vivência com o barro dos pés às mãos. In: **anais do I Simpósio Amò Ancestralidade, Cerâmica, Corporeidades, Arte Educação e Decoloniadade** - Bauru : UNESP/FAAC/Departamento de Artes e Representação Gráfica, 2023, p. 36 - 48. Disponível em:<http://> IBSN: 978-65-88287-18-7. Acesso em: 13 de abril de 2024.

CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

LEONEL, Priscila. **Museu dos afetos**: uma cerâmica que afeta, cura e conecta à ancestralidade. 2021. 367p. Dissertação (Doutorado em artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2021. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/216266> > Acesso em: 13 de abril de 2024.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997. p.11-44.

ISIDORO, Beatriz Araújo. **Construção de Casas de Passarinho**: vivência de cerâmica na EMEF Espaço de Bitita. Orientador: Rejane Galvão Coutinho. 2023. 102 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Instituto de Artes da Unesp, São Paulo, 2023. Disponível em:< <https://hdl.handle.net/11449/252477> > Acesso em: 13 de abril de 2024.

KAYE, Nick **Site-specific Art – Performance, Place and Documentation**. Londres: Routledge, 2000.



MARTINEZ, Adriana Irene. **Siembra de hornos** : manual de construcción de horno cerámico para cocción a leña / Adriana Irene Martinez ; editado por Patricio Arian Robles ; fotografías de Julia Robles ; Raquel Saraiva ; ilustrado por Carolina Segré ; Jose Campos Rios. - 1a ed. - Avellaneda : Adriana Irene Martinez, 2023. Disponível em: < <https://manualceramica.wordpress.com/siembra-de-hornos/> > Acesso em: 13 de abril de 2024.

PRADO, Jacqueline. **A Arte da Cerâmica de Minas Gerais**. Minas Gerais: C/Arte, 2016.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. Org. **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

Simpósio Amò (1. : 2023 : Bauru) Anais [recurso eletrônico] / do 1. **Simpósio Amò, Bauru, 05-06 out. 2023** ; coordenação por Priscila Leonel de Medeiros Pereira, organização por Brenda Laurien Duarte Gea e Alice Roger Bombardi - Bauru : UNESP/FAAC/Departamento de Artes e Representação Gráfica, 2023 210 p. : il. Disponível em <<http://> IBSN: 978-65-88287-18-7> Acesso em: 13 de abril de 2024.

SILVA, Kleber José da. **A Construção de Fornos de Baixo Custo Para Queimas Cerâmicas em Alta Temperatura**: um percurso alternativo possível. 2017. 299p. Dissertação (Doutorado em artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2017.

INSTAGRAM

QUIRINO, Escola. *Hoje, em nossa reunião pedagógica, tivemos a presença da arte educadora Alice Bombardi, que nos auxiliará nas oficinas de cerâmica e na construção de um forno tradicional à lenha para a queima das peças produzidas por nossos estudantes. Muita coisa linda chegando em nossa escola.* Osasco, 09 de abril de 2024. Instagram: @escolaquirino. Disponível em: < https://www.instagram.com/p/C5jU8gWptjO/?img_index=1 > Acesso em: 13 de abril de 2024.